

Processo educacional em Pierre Bourdieu

NERI PIES*

Resumo

Bourdieu se torna um pensador com muita referência na temática educacional por quebrar o paradigma funcionalista da educação e demonstrar através de estudos teóricos e práticos que as desigualdades de aprendizagem têm sua origem no aspecto social e cultural dos alunos. Esses aspectos, principalmente o capital cultural, estão associados à noção de conhecimento e às diversas formas de compreendê-lo, mas também está voltado aos costumes e às culturas, produzidas e conservadas nos diferentes contextos, ou seja, o capital cultural vai além da noção de capital escolar, caracterizando-se também como um conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada pessoa e grupo social. Ao referir-se ao capital cultural, o autor menciona que esse é responsável pelo rendimento dos agentes no sistema de ensino e difere segundo a origem social dos diversos grupos de agentes, ratificando o rompimento com o mito do dom e das habilidades inatas. Esse capital para Bourdieu pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. Por fim, cabe enfatizar que a educação, no pensamento de Bourdieu, está ligada às relações que os sujeitos estabelecem no mundo, a partir, das ações dos agentes, e esse conhecimento precisa ser sistematizado criticamente para tornar os sujeitos autônomos, isto é, a internalização pressupõe um trabalho de assimilação, que exige investimentos de longa duração, para tornar essa forma de capital uma parte integrante da pessoa, ou seja, tornar um *habitus*.

Palavras chave: Bourdieu; Capital Cultural; Educação; Habitus.

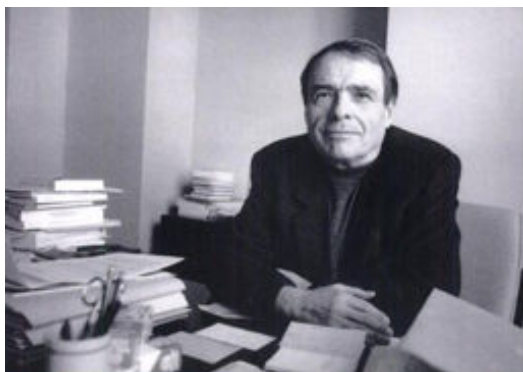
Abstract

Bourdieu becomes a thinker with a lot of reference on the subject of education by breaking the functionalist paradigm of education and demonstrate through theoretical and practical learning that inequalities have their origin in social and cultural development of pupils. These aspects, especially the cultural capital, are associated with the notion of knowledge and the different ways of understanding it, but is also facing customs and cultures, produced and stored in different contexts, ie, the cultural capital beyond the notion capital school, characterized also as an informal knowledge that is founded upon the customs and habits of every person and social group. When referring to cultural capital, the author mentions that this is responsible for the performance of agents in the education system and differs according to social origin of the various groups of agents, confirming the break with the myth of the gift and innate abilities. This capital for Bourdieu can exist in three forms: the state embedded in the state objectified and institutionalized in the state. Finally, it should be emphasized that education, in Bourdieu's thought, is on the relationships that individuals establish in the world, from the stocks of agents, and this knowledge must be systematized to make critically autonomous subjects, ie requires internalization of assimilation work, which requires long-term investments, to make this type of capital an integral part of the person, ie become a *habitus*.

Key words: Bourdieu; Cultural Capital; Education; Habitus.



* NERI PIES é Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo – UPF/RS. E-mail: neripies@gmail.com.



Pierre Bourdieu (1930-2002)

Introdução

Nosso texto destina-se a expor o conceito de educação e capital cultural no pensamento de Pierre Bourdieu, relacionando-os com o conceito *habitus* na estruturação de sua teoria para melhor compreender os conceitos de educação e capital cultural.

A motivação para tal estudo deve-se ao fato da importância da teoria de Bourdieu na organização da sociedade bem como na aplicação dessa teoria na estrutura social, ou seja, o autor consegue formular um pensamento teórico e prático como um processo que permeia a história da sociedade e dos indivíduos, que envolve todo tipo de avanços, retrocessos, conflitos e pactos entre os atores envolvidos, e que gradualmente pretendem qualificar-se social e intelectualmente, tanto individual como coletivamente.

Nosso objetivo, neste texto, é discorrer rapidamente sobre a estrutura teórica do autor, abordando a temática da educação e do capital cultural na estruturação da sociedade e por fim abordar o conceito *habitus*, que para Bourdieu, faz a mediação entre as ações da interioridade e da exterioridade e vice-versa.

É importante ressaltar que não pretendemos esgotar os conceitos elencados, apenas fazer uma breve

caracterização da importância deles e da relação que eles estabelecem com a sociedade.

Educação e capital cultural

A categoria educação ganha espaço e força em Bourdieu a partir dos anos 1960, quando ele formula uma resposta ‘original, abrangente e fundamentada’, teórica e empiricamente, sobre o problema das desigualdades escolares. As análises feitas pelo autor procuravam “conhecer os efeitos do estabelecimento de ensino, da sala de aula e do professor sobre as desigualdades escolares” (NOGUEIRA, 2004, p. 12).

Para Bourdieu, as desigualdades sociais e econômicas não poderiam ser superadas apenas através da educação, bem como, o simples acesso à educação não poderia resolver e garantir o princípio da igualdade de oportunidades entre os indivíduos. Era necessário, para garantir a igualdade de oportunidades entre os cidadãos, levar em consideração não somente o desempenho dos dons individuais, mas sim, a origem social dos alunos.

Portanto, Bourdieu quebra com o paradigma funcionalista de educação, onde a escola garantiria o acesso igual de oportunidades a todos, ou seja, a escola, para o funcionalismo, era o lugar onde,

[...] os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria nessa perspectiva uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que

selecionaria seus alunos com base em critérios racionais (NOGUEIRA, 2004, p. 13).

Dessa forma, a escola estava legitimando a superioridade e os privilégios de alguns indivíduos, indivíduos esses, que provinham de origens sociais superiores.

A partir dessa problemática as pesquisas realizadas por Bourdieu, dedicadas a sociologia da educação, marcaram o pensamento contemporâneo e ganharam notoriedade, pois,

[...] fornecia respostas originais, renovando o pensamento sociológico sobre as funções e o funcionamento social dos sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas, e sobre as relações que mantêm os diferentes grupos sociais com a escola e com o saber. Conceitos e categorias analíticas por ele construídos, constituem hoje moeda corrente de pesquisa educacional, impregnando, com seu alto poder explicativo, boa parte das análises brasileiras sobre condições de produção e de distribuição dos bens culturais e simbólicos, entre os quais se incluem obviamente os produtos escolares (BOURDIEU, 1998, p. 07).

Podemos perceber que a temática da educação foi objeto de ampla pesquisa durante todo o decorrer das obras e estudos de Bourdieu, “indo da atenção inicialmente concentrada nos mecanismos escolares de reprodução cultural e social, até a preocupação – enfatizada nos textos subsequentes – com as ‘estratégias’ de utilização do sistema escolar postas em prática pelos diferentes agentes e grupos sociais” (NOGUEIRA, 2004, p. 57).

Para analisar as desigualdades escolares, Bourdieu reflete sobre o capital cultural. Esse capital está associado à noção de conhecimento e às

diversas formas de compreendê-lo, mas também está voltado aos costumes e às culturas, produzidas e conservadas nos diferentes contextos, por povos e raças, expressando uma espécie de *ethos*. Segundo Bourdieu,

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 1998, p.73).

Nessa ideia Bourdieu explicita que o capital cultural tem como ponto de partida o desenvolvimento escolar, mediante o conhecimento formal escolar. Mas cabe salientar que o capital cultural vai além da noção de capital escolar, caracterizando-se também como um conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada pessoa e grupo social.

Ao referir-se ao capital cultural, o autor menciona que esse é responsável pelo rendimento dos agentes no sistema de ensino e difere segundo a origem social dos diversos grupos de agentes, ratificando o rompimento com o mito do dom e das habilidades inatas. Esse capital para Bourdieu pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado.

No que se refere ao estado incorporado, ele ocorre sob a forma de disposições duráveis do organismo. A acumulação de capital cultural exige sua incorporação pressupondo um trabalho de inculcação e assimilação, que custa tempo e deve ser realizado

pessoalmente pelo agente na sua ação dentro do seu mundo de relações.

No estado objetivado, o capital cultural pode existir sob a forma de bens culturais: escritos, pinturas, livros etc. Para alguém possuir os bens culturais em sua materialidade se faz necessário que ele simplesmente tenha capital econômico, fato que pode se evidenciar através da compra de uma máquina. Para se apropriar dela, simbolicamente, basta que alguém possua os instrumentos de apropriação e os códigos necessários para decifrá-la, isto é, tenha capital cultural incorporado (BOURDIEU, 1998, p. 75).

No estado institucionalizado, o capital cultural materializa-se através dos diplomas. Nesse estado é possível depreender as funções de um sistema de ensino em uma sociedade determinada bem como suas relações com o sistema econômico.

Desta forma, para Bourdieu, a noção de capital cultural surge da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Sua sociologia da educação se caracteriza, notadamente, pela diminuição do peso do fator econômico, em comparação ao peso do fator cultural, na explicação das desigualdades escolares.

Para Bourdieu, a acumulação do capital cultural inicia desde a origem, sem atraso e sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural. Nessas famílias, o tempo de acumulação abarca praticamente todo o processo de socialização, o que significa um empreendimento prolongado de aquisição de capital cultural.

Portanto, o conhecimento e consequentemente, a educação em

Bourdieu estão ligados às relações que os sujeitos estabelecem no mundo, a partir, das ações dos agentes, e esse conhecimento precisa ser sistematizado criticamente para tornar os sujeitos autônomos. Dessa forma, ganha notoriedade a compreensão de conhecimento praxiológico¹, pois, o capital cultural não pode ser transmitido instantaneamente por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Ele pode ser adquirido, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Desse modo, a internalização pressupõe um trabalho de assimilação, que exige investimentos de longa duração, para tornar essa forma de capital uma parte integrante da pessoa, ou seja, tornar um *habitus*.

¹ Bourdieu analisa tanto o conhecimento subjetivo quanto o objetivo para encontrar uma solução plausível para entender, explicar e transformar a sociedade. Para o autor as duas teorias caem em extremos, a primeira pelo fato de valorizar demais os fenômenos imediatos e a consciência individual, a segunda por valorizar demais a estrutura existente, sem realmente explicar seu sentido. Por isso há a necessidade de construir um outro tipo de conhecimento, capaz de superar os problemas do objetivismo e do subjetivismo, este conhecimento é chamado pelo autor de praxiológico. O conhecimento praxiológico “tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas, nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade. Esse conhecimento supõe uma ruptura com o modo objetivista, ou seja, um questionamento das condições de possibilidade e, por isso, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende de fora as práticas como fato acabado, em vez de construir seu princípio gerador situando-se no interior do movimento de sua efetivação”. (BOURDIEU, 2003, p. 40).

O conceito *Habitus*

O conceito *habitus* ganha notoriedade a partir dos escritos de Bourdieu. Na verdade o autor lhe confere um grau de reconhecimento nos debates filosóficos, sociológicos e educacionais, nos quais o conceito encontra uma completa transformação e ou renovação, visando transcender as dualidades já referidas. Isto oferece um indicativo que existe estreita relação entre o conceito de *habitus* e a noção de conhecimento praxiológico. Chega-se efetivamente num ponto importante que é a proximidade existente entre as noções de conhecimento praxiológico e de *habitus*, que apresentam forte semelhança, apesar do conceito de *habitus* ser mais complexo.

A relação entre *habitus* e prática se torna evidente porque ambos provocam e possibilitam ações na sociedade. O *habitus* trabalha com as probabilidades e possibilidade de ações é inconsciente e se expressa através de diversas formas, seja no estilo de vida, nos gostos, nas maneiras de fazer as coisas, ou seja, está na ação humana. Na verdade, ele abrange uma multiplicidade de relações e dentre elas a relação com a prática social. Bourdieu procura rejeitar as teorias que adotam a prática social como uma relação mecânica, a prática não pode ser reduzida a esquemas previamente estabelecidos e fixos. Conforme Bourdieu

[...] a prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação a situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz

de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças as transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados (BOURDIEU, 2003, p. 57 e 58).

O conceito de *habitus* tem algumas características importantes as serem consideradas. A primeira consiste em registrar a influência de diferentes ambientes, a segunda disposição se refere ao grau de interação e para isso ele depende do caráter e da compatibilidade das situações sociais que o produzem ao longo do tempo, a terceira característica enfatiza que o conceito serve tanto para analisar crise e mudança, quanto, coesão e perpetuação, pelo fato do *habitus* não estar necessariamente de acordo com o mundo social no qual está inserido, e, a última característica, enfatiza que o *habitus* não é um mecanismo auto-suficiente para a geração da ação. Ele opera como uma mola que precisa de um “gatilho externo” e que, portanto, não pode ser tratado isoladamente dos mundos sociais específicos ou campos nos quais evolui.

Compreendendo o conceito *habitus* dessa forma, percebemos que ele apresenta-se como produto da história que orienta as práticas individuais e coletivas, ou seja, o *habitus*, na sua complexidade, contempla tanto os aspectos subjetivos quanto os objetivos, apresentando-se como produto da história. É pelo *habitus* que o passado do agente é atualizado no presente. Ele torna possível a construção de novas modalidades de conduta, de novas ações dos sujeitos sociais pelo fato de posicionar-se numa busca permanente

de superação das antinomias que, neste caso, se manifestam na tensão entre os fatos passados e o problema do futuro.

O *habitus* constrói o mundo, para, de certa maneira, se orientar nele, lhe dirigir uma atenção que, como aquela do saltador que se concentra, é tensão corporal ativa e construtiva para o futuro imanente. Ao colocar o *habitus* como construtor do mundo, ele também é construtor do mundo do agente na medida em que agrega dentro de si o passado e o devir com o intuito de uma ação presente. Pois, “o *habitus*, que viabiliza o retorno do sujeito à estrutura, é uma matriz de disposições, isto é, de percepções, apreciações e ações, adquiridas através das experiências sociais inculcadas” (MIRANDA, L. 2005, p. 11).

Externando de outra forma, o que ocorre, é que o *habitus*, como uma espécie de regulador da ação social, presente nas dimensões subjetiva e objetiva, dá condições para que o agente ocupe seu espaço no campo de ação e deixe que outros também ocupem seus espaços, numa relação de complementaridade e reciprocidade, mediada pela força do *habitus*. O *habitus* legitima a ação do agente em suas relações com a sociedade e contribui para ressignificá-la na perspectiva da manutenção ou da mudança na maneira de agir deste agente no campo social. Ao mesmo tempo em que possibilita a ação do agente, interage com ele em seu agir solidário. Contudo, se o agir não for solidário e proativo, o *habitus* o interpela à mudança ou, conforme Bourdieu, ‘retifica’ a sua conduta, fazendo com que, as práticas dos grupos e indivíduos manifestam a sua realidade social (MIRANDA, L. 2005, p. 96).

O *habitus* possui importância na vida do agente na medida em que ele é

compreendido como uma lei imanente recebida por cada agente por meio da educação e que tem a função de garantir as práticas dos agentes. É por esse motivo que Bourdieu alerta para a importância e a necessidade de uma concordância entre o *habitus* dos agentes com a sociedade ou com aqueles com os quais os agentes estão em relação. Neste sentido, ainda que não seja esta a intenção de Bourdieu, o *habitus* se constitui numa mediação universalizante entre as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular, sejam elas sensatas, razoáveis e objetivamente orquestradas (BOUDIEU, 2003, p. 65).

Assim o *habitus* é apresentado como produto da história, que produz práticas individuais e coletivas (superação do subjetivismo e do objetivismo), e produz história em conformidade com os esquemas por ela engendrados. Evidencia-se, dessa forma, uma estreita relação entre *habitus* e história, pois ao mesmo tempo em que o *habitus* é entendido como produto da história, ele produz história.

Considerações finais

Ao chegarmos ao término desse pequeno ensaio, onde enfocamos rapidamente alguns conceitos chaves no pensamento de Bourdieu, cabe-nos apresentar algumas considerações que avaliamos serem substanciais.

A primeira constatação é de que a escola precisaria ter o cuidado para não legitimar a desigualdade social através da educação, pois para Bourdieu os problemas econômicos e sociais não poderiam ser superados apenas pela educação, mas sim, seria necessário considerar a origem social dos estudantes. Somente fazendo uma leitura mais global da sociedade,

entendo as diferentes relações existentes é que será possível a transformação desejada. Ou seja, passar do estágio tecnicista, mecânico e imediato, para um estágio de espírito e ações coletivas, preservando a condição da vida e suas efetivas relações sociais.

Na medida em que o sistema de ensino conseguir incorporar a teoria de Bourdieu, a relação da educação ou do sistema de ensino com a sociedade tenderá a ganhar mais qualidade, pois, a interação dos conhecimentos é o viés mais apropriado para produzir o saber e transformar a sociedade como um todo.

A relação se estabeleceria através do *habitus*, que, para Bourdieu, é o princípio gerador e estruturador das práticas e das representações, articula, portanto, a estrutura das disposições objetivas e subjetivas, bem como as situações concretas da ação, transcendendo a dualidade que existia entre objetivismo e subjetivismo. Além do mais, o *habitus*, apresenta-se como um produto da história que orientará as ações individuais e coletivas num constante processo de interação.

A noção de *hábitos* que cada um, indivíduo ou grupo social, constitui, é fundamental para disputar o espaço dentro de um determinado campo, uma vez que, o campo é lugar de estabelecer as forças para manter ou melhorar as condições de vida. Quanto mais relações sociais os agentes e os grupos tiverem, mais qualificado será o processo de transformação. E por isso é fundamental aliar a esse processo a importância do capital cultural de cada um, pois é através dele que se consegue planejar e organizar as melhores estratégias de ação.

Referências

- BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Orgs.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2008.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. 2ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- _____. **Contrafogos**. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução de Lucy Magalhães e Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **Contrafogos 2**. Por um movimento social europeu. Tradução de André Telles e Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
- MARTINS, Carlos Benedito. Estrutura e ator: a teoria da prática em Bourdieu. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 27, set. 1987.
- MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação**. Por uma Teoria da Comunicação Praxiológica. Edipucrs: Porto Alegre, 2005
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ORTIZ, Renato. (Org). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo, Olho d' Água, 2003.
- PINTO, Celi Regina. O poder e o político na teoria dos campos. **Veritas**, Porto Alegre. v. 41, n. 162, p. 221-227, jun. 1996.
- PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro, 2000.